

CONCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA PARA CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: ANÁLISE A PARTIR DE MARTÍN-BARÓ

MORAIS^I, Karina Cibele de
FERREIRA^{II}, Núbia Gabriela
SILVA^{III}, Flávia Gonçalves da

Resumo

O objetivo desse trabalho foi identificar e analisar a concepção de violência para crianças do ensino fundamental I. Os resultados analisados partiram dos elementos indicados por Martín-Baró para compreensão da violência. Para alcançar os resultados, foi feito um estudo qualitativo, por meio de entrevistas individuais e coletivas com as crianças. Como resultado, percebeu-se que para as crianças a violência está diretamente relacionada ao contato físico como resposta a situações que as desagradam. Ou seja, o ato formal da violência é instrumental para minimizar ou corrigir algo que lhe antecedeu. No atual momento histórico, além da banalização e a intensificação da violência como meios de controle social, há o fundo ideológico veiculado nas diferentes mídias que as crianças têm acesso e nas discussões na escola e em casa, identificadas durante as entrevistas, que possibilitam que se apropriem desses aspectos e construam os significados da violência.

1

Palavras-chave: Violência; Crianças; Escola; Martín-Baró.

THE CONCEPTION OF VIOLENCE TO CHILDREN IN ELEMENTARY SCHOOL: ANALYSIS BASED ON MARTÍN-BARÓ

Abstract

The purpose of this study was to identify and to analyze the conception of violence to children at elementary schools. The analyzed studies started from the elements indicated by Marin-Baró for the comprehension of violence. To reach the results, a qualitative study was carried out, through individual and collective interviews with the children. As results, it was perceived that to the four children, violence is directly related to physical contact as an answer to situations that displease them. In the present historical moment, besides the trivializations and intensification of violence as a mean of social control, there is the ideological background aired in different medias that children have access to, and also in discussions at school and at home, identified in the interviews, those conditions enable children to appropriate these aspects and build the meaning of violence.

Keywords: Violence; Children; School; Martín-Baró.

CONCEPCIÓN DE VIOLENCIA PARA NIÑOS EN LA ESCUELA PRIMARIA: ANÁLISIS A PARTIR DE MARTÍN-BARÓ

Resumen

El objetivo de este trabajo fue identificar y analizar el concepto de violencia para los niños de la escuela primaria. Los resultados analizados se basaron en los elementos señalados por Martín-Baró para comprender la violencia. Para llegar a los resultados, se realizó un estudio cualitativo, a través de entrevistas individuales y colectivas con los niños. Como resultado, se percibió que, para los niños, la violencia está directamente relacionada con el contacto físico como respuesta a situaciones que les desagradan. Es decir, el acto formal de violencia es fundamental para minimizar o corregir algo que lo precedió. En el momento histórico actual, además de la banalización e intensificación de la violencia como medio de control social, está el trasfondo ideológico que se transmite en los diferentes medios a los que tienen acceso los niños y niñas y en las discusiones en la escuela y en el hogar, identificadas en las entrevistas, que les permiten apropiarse de estos aspectos y construir los significados de la violencia en los que el daño es más evidente.

Palabras-clave: Violencia; Niños; Escuela; Martín-Baró.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho foi identificar e analisar a concepção de violência em crianças do ensino fundamental I, a partir da concepção de Ignácio Martín-Baró (2003). A escolha dessa temática deu-se a partir do acompanhamento de um projeto de extensão, que teve como objetivo identificar quais jogos e brincadeiras e quais situações contribuem no desenvolvimento da atenção voluntária de crianças de escolas públicas do município de Diamantina-MG, com queixa de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Nesse projeto observaram-se atitudes violentas por parte das crianças matriculadas no segundo e terceiro ano do ensino fundamental I, desde verbal à física, especialmente em situações de frustração (não conseguir alcançar os objetivos da atividade lúdica, não concordar com regras ou “punir” o colega que não seguia as regras). Percebeu-se que muitos dos comportamentos violentos não eram entendidos pelas crianças dessa forma, ao mesmo tempo em que elas não aprenderam outras formas de lidar com o outro, especialmente quando este não se comportava da forma como ela entendia que deveria ou desejava. A partir desta constatação, após o término do projeto de extensão, esta pesquisa foi desenvolvida com algumas crianças participantes do referido projeto para identificar o que elas compreendiam o que é a violência e suas diferentes formas de expressão, especialmente entre elas.

A violência é o uso excessivo da força que causará algum dano na pessoa vítima dela, que pode ser físico, emocional, social e psíquico. O conceito de violência deve ser observado e compreendido como um fenômeno construído social e historicamente (Martín-Baró, 2003), logo suas formas de manifestação também são determinadas a partir do momento histórico de uma dada sociedade, por fazer parte de sua estrutura.

Por ser estrutural, está presente em diferentes esferas da sociedade, inclusive na escola. A violência no espaço escolar pode ser compreendida em três vertentes: violência na escola, violência à escola e violência da escola. Quando a violência ocorre no espaço físico da instituição, sem a interferência das atividades ou normas dela, ou seja, a escola só foi o palco para o ato de violência, caracteriza-se como violência na escola; quando o ato de violência fere as normas institucionais e atinge a instituição e seus representantes, como por exemplo, agressões a professores e danos na estrutura física da escola, caracteriza-se um ato de violência à escola. Porém, quando a instituição e seus representantes tratam seus alunos de forma distintiva, com atos considerados injustos pelos alunos, é caracterizado como violência da escola (Charlot, 2002).

A que considerar que tal divisão na forma de compreender a violência escolar nem sempre é evidente e que uma pode determinar a outra. Normas rígidas estabelecidas pela instituição, que ferem as características e modos de ser dos estudantes podem promover respostas de forma violenta contra a escola e na escola. Historicamente, a violência fez parte da instituição escolar e foi usada inclusive como estratégia pedagógica, seja de forma explícita e física, como o uso da palmatória ou como castigos para estudantes que não mostravam bons rendimentos escolares e/ou eram considerados indisciplinados, ou ainda o modo coercitivo, usando o medo da punição caso não tivessem bom rendimento ou não estudassem da forma como a escola desejava.

Apesar de hoje a violência física como meio pedagógico não ser mais legalizada e institucionalizada, a violência simbólica ainda é presente, pois os modos coercitivos usados pela escola ainda persistem. Existe também a exclusão que os estudantes que fogem do idealizado pela escola sofrem, muitas vezes com o rótulo de algum tipo de transtorno mental que “justifica” sua incompetência na aprendizagem e a dificuldade ou impossibilidade do professor ensiná-lo. As discussões sobre a patologização e medicalização na escola refletem justamente a situação apontada acima (Leonardo & Tuzuki, 2016).

Dentre as várias formas de violência escolar, a que vem ganhando maior visibilidade nos meios de comunicação é a violência entre os estudantes, conhecida como *bullying*. *Bullying* se caracteriza por agressões físicas e verbais (bater, ofender, humilhar) de forma intencional, sistematizada e de maneira insistente, sendo uma das formas mais expressivas de violência cometida pelos estudantes dentro do ambiente escolar (Botelho & Souza, 2007).

Em levantamento feito de modo assistemático nas bases de dados *Scielo* e no portal de Periódicos Capes, percebeu-se que são muitas as pesquisas sobre violência escolar, especialmente sobre o *bullying*, mas a maioria delas feitas com professores e alunos do

ensino fundamental II e ensino médio (Flôres, Visentini, Faraj & Siqueira, 2022; Malta et al, 2022; Reisen, Leite & Santos Neto Neto, 2021; Romeiro, Corrêa, Pazó, Leite & Cade, 2021; Veloso et al., 2020; Cruz & Malta, 2018; Giordani, Seffner & Dell’Aglío, 2017). Poucas destas pesquisas incluíram como participantes crianças matriculadas no ensino fundamental I. Esta constatação deu-se justamente pela busca de pesquisas que ajudassem a compreender o comportamento permeado pela violência das crianças que participaram da pesquisa. Os estudos encontrados que tiveram como participantes crianças do ensino fundamental I foram de Maldonado e Williams (2005), Xavier Filha (2015) e Freitas, Borges e Carvalho (2019).

Uma das pesquisas realizada exclusivamente no ensino fundamental I buscou avaliar se as crianças do sexo masculino que apresentam comportamentos agressivos na escola, quando comparados às crianças do mesmo sexo que não apresentam comportamentos agressivos, têm maior histórico de violência doméstica. Esse estudo de Maldonado e Williams (2005) foi realizado com 28 crianças de 7 a 11 anos de idade de três escolas públicas do Estado de São Paulo e suas respectivas mães. As crianças foram divididas em dois grupos de 14 componentes, identificadas como grupo A (crianças agressivas) e grupo B (crianças não agressivas). Os resultados dessa pesquisa revelaram o que já era esperado pelas autoras: crianças do sexo masculino que mais apresentam comportamentos agressivos na escola possuem maior histórico de violência doméstica. Os resultados apontam ainda que essas crianças não somente presenciavam atos de violência física e verbal dentro de casa, como também eram vítimas por parte de algum familiar (Maldonado, Williams, 2005).

4

Outra pesquisa realizada no ensino fundamental I teve como objetivo compreender o que as crianças sabiam sobre violência contra criança, como elas cuidavam do seu corpo e o protegia, perigos de meninos e meninas dentro e fora de casa; direitos das crianças e violência dentro e fora da escola (Xavier Filha, 2015). Nos resultados encontrados pela autora sobre os tipos de violência mais graves contra crianças, nas meninas os dados apontaram por ordem de relevância: a violência física (puxões de cabelo, espancamento, queimaduras com ferro de passar roupas e chapinha de cabelo, chutes, entre outros), violência sexual (estupro, divulgação de fotos e vídeos na internet), abandono e negligência, e por último a violência fatal (assassinatos com arma de fogo, enforcamentos e atropelamento). Para os meninos, os tipos de violência praticados tiveram a seguinte ordem: violência física (espancamento, soco, beliscão), violência sexual (estupro e exploração sexual por parte de treinadores de futebol), violência fatal (assassinato com arma de fogo) e por último a violência psicológica (ameaças de morte, apelidos e xingamentos).

A pesquisa apontou que a violência física é a mais praticada contra as crianças, além de identificarem o trabalho infantil, a exploração de menores em situação de rua, seguidas da violência sexual, a negligência e a violência psicológica, em especial o racismo. A autora deixa claro que em nenhum momento do estudo as crianças relataram serem elas as vítimas das violências citadas, mas que conheciam pessoas próximas que já foram vítimas e que sabiam dessas violências por meio de programas de televisão (Xavier Filha, 2015).

Freitas, Borges & Carvalho (2019) realizaram uma pesquisa ação com crianças do terceiro ano do ensino fundamental, voltada para a mediação de conflitos, identificando os sentidos do *bullying* para as participantes. A forma de compreensão do *bullying* pode ser caracterizada como violência verbal e, ao longo da pesquisa, estratégias reflexivas referentes à naturalização do preconceito e sua reprodução, que muitas vezes sustenta ações violentas, além de situações cotidianas que podem promover conflitos e como podem ser solucionadas, foram desenvolvidas pelos pesquisadores.

Apesar da grande quantidade de pesquisas relacionadas com a violência escolar, e que são importantes tanto para o avanço científico na compreensão do fenômeno como para a elaboração de estratégias para minimizá-la, os estudos científicos sobre essa temática com crianças no fundamental I ainda são bastante reduzidas, como foi evidenciada pela revisão assistemática. É necessário conhecer de forma mais ampla a realidade, inclusive como as crianças menores compreendem a violência. Será que as determinações da violência nas crianças do ensino fundamental I são as mesmas para as crianças do ensino fundamental II e do ensino médio? Entende-se que as determinações podem ser muito semelhantes.

De acordo com Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) (Brasil, 2019), feita com 188 mil estudantes entre 13 e 18 anos, 13,2% já se sentiu ameaçado e humilhado e 40% declararam que já foram vítimas de *bullying*. As meninas foram mais vítimas de *bullying* comparado com os meninos. Ainda de acordo com o PeNSE (Brasil, 2019), quase 49% dos estudantes tinham alguma insatisfação corporal, seja por se avaliarem magros ou gordos demais, sendo um dos fatores vinculados ao *bullying*. A pesquisa também apontou outras formas de violência vivenciada pelos adolescentes, como a física (dentro e fora da escola), sexual e ausência de infraestrutura na escola, como banheiros e lavatórios.

Muitas destas violências são vivenciadas pelas crianças do ensino fundamental I, como a ausência ou precariedade da infraestrutura das instituições escolares públicas, a violência física, seja vivenciada diretamente ou sendo expectadora dela. Por outro lado, mesmo que as determinações sejam semelhantes, as formas de vivenciá-las e internalizá-las são diferentes, tendo em vista as características psíquicas de crianças no ensino fundamental I e dos adolescentes (Martins, 2016).

Essas diferenças, entre crianças e adolescentes, sejam na forma de pensamento, bem como em outras e que caracterizam e determinam seus modos de aprender, internalizar e agir na realidade faz com que a forma de compreender e vivenciar as situações sejam distintas. Diante disso, entende-se que conhecer como as crianças do ensino fundamental I compreendem e lidam com situações de violência é muito importante.

CARACTERIZANDO O FENÔMENO VIOLÊNCIA A PARTIR DE MARTÍN-BARÓ

Há várias formas de compreender a violência, especialmente suas causas, e elas estão diretamente relacionadas ao entendimento do que é o homem e sua natureza. Parte da psicologia do século XIX desenvolveu a concepção conhecida como frenologia, que explicava as características de personalidade e do caráter a partir da forma, tamanho e protuberâncias da caixa craniana, e o indivíduo era “decifrado” a partir destas características. Críticas a esse pensamento foram feitas ao longo do século XX, pela sua pseudocientificidade e por marcar e sinalizar com características de “caráter duvidoso” pessoas historicamente estigmatizadas, como negros, pobres e prostitutas (Arreguy, 2010).

Apesar da superação da frenologia como pensamento para explicar as peculiaridades da pessoa por características do cérebro, concepções biológicas contemporâneas vêm ganhando espaço para explicar os comportamentos humanos a partir do funcionamento cerebral, as chamadas neurociências. Arreguy (2010) destaca que apesar de nenhum dos estudos serem conclusivos dentro das neurociências, diversas pesquisas apontam para alguma composição cerebral que explicaria comportamentos violentos, como escassez ou excesso de alguns neurotransmissores, lesões em certas regiões, espessura do córtex cerebral, fatores genéticos, pré ou pós-natais:

6

Entretanto, o estabelecimento de correlações entre o comportamento criminoso e determinadas lesões cerebrais (ou características neurais inatas) vem sendo aprimorado com base em técnicas de imageamento cerebral cada vez mais apuradas, como o PETscan funcional. Assim, além dos efeitos das lesões na rede cortical, as intangíveis "lesões funcionais" são chamadas a dar conta do comportamento criminoso. Nesse caso, não há uma lesão anatômica, mas variações detectadas por um maior ou menor fluxo sanguíneo em regiões identificadas como responsáveis pelas emoções correlatas de comportamentos violentos ou anti-sociais.

O ponto comum é que esses artigos abordam pouco ou nada das definições sobre os afetos e paixões, referindo-se apenas às emoções no cérebro. Não há espaço para as sutilezas e derivações das emoções. Apesar de muitos neurocientistas reconhecerem a importância de fatores sociais e subjetivos, não se detêm sobre eles (Arreguy, 2010, 1275-1276).

É inegável o reconhecimento das contribuições que as neurociências oferecem sobre maior conhecimento do funcionamento cerebral para um melhor entendimento das especificidades psíquicas. Mas, não é possível compreender que o psiquismo humano possa ser explicado reduzindo-o ao seu funcionamento cerebral. Vigotski (2018), ao diferenciar as teorias de desenvolvimento de seu tempo, explica que as denominadas por ele como preformistas, negam qualquer possibilidade de desenvolvimento pelas possibilidades humanas já estarem prontas nas bases biológicas, ou seja, as relações do indivíduo com o

meio vão apenas favorecer ou não o seu surgimento. Parte das neurociências parece estar dentro destas teorias. Por outro lado, o autor também critica as teorias da determinação do meio, que veem o indivíduo como uma página em branco, destituído de qualquer característica, negando também as possibilidades do desenvolvimento, pois, assim, o homem seria passivo diante do mundo.

Apesar da classificação acima das teorias da psicologia ter sido feita por Vigotski na primeira metade da década de 1930, estas ainda persistem e buscam explicações para entender quem é o homem e as determinações de seus comportamentos, como a violência. Este estudo, parte da concepção de que o homem é histórico e social, que tem suas bases biológicas como condição para relação com o meio, mas estas também são determinadas socialmente (Vigotski, 2018). Em consonância com tal pensamento sobre o homem, também se entende a violência, que é uma ação tipicamente humana, como construída ao longo da sociabilidade, e em uma dada sociedade. Conforme Silva e Salles (2010, p.218) afirmam:

O que especifica a violência é o desrespeito, a negação do outro, a violação dos direitos humanos que se soma à miséria, à exclusão, à corrupção, ao desemprego, à concentração de renda, ao autoritarismo e às desigualdades presentes na sociedade brasileira.

Logo, a determinação da ação violenta está nas relações sociais estabelecidas pelo indivíduo, numa dada sociedade que se estrutura de modo desigual, a partir de relações de força em que uma classe subjuga a outra. Dentre as diferentes formas de compreender a violência, seja na psicologia ou em outras áreas do conhecimento, optou-se pela concepção psicossocial de Ignacio Martín-Baró, que se configura como uma teoria crítica no campo da psicologia, não apenas por apontar as características sociais da violência, mas também por descrever as possibilidades de sua superação. Sua produção foi feita eminentemente entre as décadas de 1970 e 1980, até seu assassinato brutal em 1989 pelo regime ditatorial de El Salvador¹. Martín-Baró é o principal representante da Psicologia da Libertação, que defende a construção de uma psicologia voltada para libertação do povo oprimido, a partir de uma nova epistemologia e práxis, considerando as particularidades da população latino-americana. Como bem afirmou Costa e Barroco (2021) sobre a produção da psicologia da libertação, apesar do sofrimento ser individual, ele é histórico e produzido no coletivo. Sua superação não será no âmbito individual, mas coletivo. A partir da obra de Martín-Baró, as autoras afirmam que:

O fatalismo em que se encontra o latino-americano, explica o autor, o atira em um presente que parece naturalizado e, por esta razão, só pode ser aceito. Recuperar a

¹ Há muitos estudos brasileiros voltados para a obra de Martín-Baró. Segue a indicação de mais um estudo, além de Costa & Barroco (2021): Martins, K. O., & Lacerda Jr, (2014). A contribuição de Martín-Baró para o estudo da violência: uma apresentação. *Revista Psicologia Política*, 14(31), 569-589. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300010

história do povo latino-americano é resgatar uma trajetória de violações, mas também de lutas que devem orientar o enfrentamento aos processos de desumanização capitalistas (Costa & Barroco, 2021, p. 72).

A principal forma de opressão vivenciada pelos povos é por meio da violência. Para a psicologia da libertação, não basta apenas teorizar sobre ela, mas é necessária a práxis que visa sua superação.

Em várias obras, o autor salvadorenho discorre sobre como entende a violência, sendo possível identificar formas diferentes de compreendê-la ao longo de sua produção. Para este estudo, optou-se por usar a obra “Poder, Ideologia e Violência” (2003), na qual Martín-Baró descreve seu pensamento sobre o tema, escrito após um longo processo de estudo. Devido à importância desta obra na produção do autor e os elementos teóricos descritos sobre a violência aparecerem em outras produções dele, entende-se que a referência escolhida para subsidiar esse trabalho é suficiente para oferecer elementos teóricos necessários para a compreensão do objetivo do estudo realizado.

Para Martín-Baró (2003, p. 75, tradução nossa) “todo ato em que se aplica uma dose de força excessiva pode ser considerada como violência”. O autor diferencia violência da agressão, sendo esta última uma forma de violência, por ser o uso da “... força contra alguém de maneira intencional, isto é, aquela ação mediante a qual se pretende causar um dano a outra pessoa” (Martín-Baró, 2003, p. 75, tradução nossa).

Vázquez (1990) destaca que a violência é um fenômeno tipicamente humano, estabelecida e firmada na humanidade através do processo histórico; processo esse essencial para a transformação da natureza. O autor ainda pontua que não é somente o uso da força por si só que concebe a violência, mas sim o uso dela empregado exclusivamente pelo homem, extraindo daí o caráter humano da violência.

Vázquez (1990) acrescenta que na sociedade capitalista, que é dividida em classes, quem possui o poder (dos meios de produção da vida) tem privilégios e os mantém através da chamada violência potencial, que se caracteriza, não pelo uso de atitudes opressivas, mas, sim, controlando, dominando e conquistando o poder econômico e político. Entretanto, quando a classe que detém o poder se julga ameaçada em perdê-lo, usa da violência em ato, que se refere à aplicação de maneira extrema e excessiva de atitudes opressivas. Dentre a violência potencial e a violência em ato, pode-se destacar a violência estrutural que, de acordo com Silva (2009, p. 6) “[...] se caracteriza pelo ordenamento da desigualdade opressiva, mediante também, uma legislação que ampara mecanismos de distribuição social de riqueza e estabelece uma força coercitiva para manter o respeito aos dominantes”. Martín-Baró (2003) tem o mesmo entendimento em relação à manifestação da violência na sociedade capitalista, em especial na América Latina. Para o autor,

[...] existe um tipo de violência contra a população majoritária pelas instituições sociais que se encontram justificadas e ainda legalizadas no ordenamento normativo dos regi-

mes vigentes. A exploração dos trabalhadores, sobretudo os camponeses e indígenas, a contínua repressão dos esforços organizativos, o bloqueio factual da satisfação das necessidades básicas e as exigências do desenvolvimento humano, tudo isso como parte do funcionamento “normal” das estruturas sociais, constitui uma situação em que a violência contra as pessoas está incorporada na natureza da ordem social, denominada de “desordem organizada” ou “desordem estabelecida” (Martín-Baró, 2003, p. 89, tradução nossa).

Enquanto construção histórica e social da humanidade, a violência deve ser entendida a partir da totalidade e sua manifestação é em espiral. Desnaturalizar a violência é, para Martín-Baró (2003), um aspecto central para romper com ideologias em que a violência é vista como um problema individual, determinado por certas características psicológicas de algumas pessoas. Apesar de haver especificidades individuais, daquele que promove e é vítima da violência, ela só pode ser entendida na totalidade da realidade, que é histórica.

Para possibilitar melhor compreensão dos aspectos psicossociais da violência Martín-Baró (2003) elaborou quatro elementos que permitem analisá-la: estrutura formal do ato, equação pessoal, contexto possibilitador e fundo ideológico. Sobre a estrutura formal do ato é possível analisar a violência como instrumental ou terminal; a primeira se refere à utilização da violência como meio de conseguir algo, ou alcançar o que se almeja; já a segunda diz respeito à violência como finalidade do ato violento, ou seja, o ato buscado como fim. Tal análise da estrutura formal do ato violento, além de possibilitar compreender se a violência é um tipo de agressão, também revela algumas características da pessoa que realiza e/ou pratica atos violentos.

Essas características da pessoa, a equação pessoal, só podem ser explicadas a partir de sua história, que condicionaram as formas de lidar e responder as diferentes situações, especialmente diante de situações frustrantes, a forma como o uso do poder que pode “autorizar” socialmente o uso da violência foi apropriado, bem como a pressão social e o nível de consciência em relação ao alcance das finalidades da ação (Martín-Baró, 2003). Ao praticar violência, o indivíduo pode contar com uma aceitação social, com um contexto que possibilite a realização, além de utilizar justificativas que, de certo modo, contribuem e legitimam essas ações, constituindo o contexto possibilitador. E o último elemento, os motivos/razões que o levaram a cometer atos violentos; razões essas que estão correlacionadas com a sociedade a qual se vive, os valores, normas e condutas impostas e construídas por ela, isto é, o fundo ideológico constitutivo de uma dada realidade (Martín-Baró, 2003).

Silva (2009), a partir da obra de Martín-Baró, destaca a compreensão da violência como construção social em que cada sociedade propõe as condições para frutificar a violência de maneira justificada e é preciso reconhecer que esse processo de construção depende de quatro fatores. A autora os pontua na seguinte ordem:

1º - O agente da ação violenta tem que ser considerado como um agente legitimado pelo poder estabelecido. Para diversos agentes sociais em nossa sociedade é outorgado o

direito ao uso da violência nas suas relações sociais. 2º - Em relação à **vítima**, considerada no processo de construção social da violência, percebe-se que quanto mais baixo seu status social ou do grupo ao qual pertence mais facilmente se aceita a violência contra elas. 3º - O **grau de dano** produzido na vítima é outro fator a ser considerado, pois, quanto maior o dano causado, mais justificado terá que aparecer o uso da violência. 4º - A **situação** em que se produz o ato de violência. Quando uma pessoa defende-se de uma violência cometendo outra, resulta mais justificável que um ato violento buscado por si mesmo. (Silva, 2009, p. 5, grifos do autor).

Percebe-se que há algumas formas de violência que são atos/attitudes veladas nas diversas sociedades (corrupção, tráfico, negligência, entre outros), mas haverá sempre um impacto direto na população. Na escola, a violência se manifesta como reflexo do contexto social ao qual está inserida. Schneider (2016, p.827) corrobora com essa concepção ao afirmar que:

O mundo globalizado e excludente, econômica e socialmente, cria condições que incentivam o uso de violência em seus espaços, invertendo, assim, a lógica do processo civilizatório. Dentro desses espaços, podemos inserir a escola, que se torna, paulatinamente, local onde a violência é semeada e colhida. O ambiente escolar reproduz a sociedade que o cerca e, por vezes, se faz um microcosmo do que vivemos fora dos portões da instituição. As muitas formas de violência estão também presentes ali, pois são fruto de uma cultura social e devem ser tratadas e analisadas de acordo com sua extrema complexidade.

10

Os aspectos teóricos apresentados acima evidenciam que cada sociedade possui ordens estruturais e aceitação ou não da ação do outro de maneira distinta. Silva (2009) esclarece que ao analisar a violência do ponto de vista psicossocial, não se pode reduzi-la às questões de ordem política e econômica, ou seja, nem todo conflito violento é consequência de ações políticas e/ou econômicas, visto que a formação social está de acordo com o caráter de seus membros. A reprodução ou não da violência em sociedade vai depender do quão forte é a presença dela no dia-dia dessa sociedade. A autora ainda destaca que a violência é resultado de uma sociedade cada vez mais individualista, competitiva, socialmente excludente, sendo ela medida não por si só, mas pelos seus produtos. E como bem apontou Schneider (2016), todos esses aspectos constituem o universo escolar.

A partir da proposta de Martín-Baró (2003), podemos identificar a estrutura formal do ato no ambiente escolar em atos corretivos que usam a punição, seja pela violência física ou simbólica, tanto por professores, gestores e estudantes. Como apontado na introdução deste trabalho, historicamente, a escola, orientada por determinadas concepções pedagógicas, usou de atos permeados pela violência como estratégia pedagógica (Carvalho, Morais & Carvalho, 2019), em um momento (fundo ideológico) que isto era justificado, tanto

pelas teorias pedagógicas, como pela ausência de teorias que explicassem sobre as implicações nefastas do uso da violência no desenvolvimento do indivíduo. Tais situações favorecem uma forma do indivíduo compreender o mundo, mediado pela violência, que vai apropriando-se destas formas de relações, determinando suas características individuais. Ao se defrontar com uma escola e professor que agem de forma violenta, seja de modo explícito, como com o uso das palmatórias, ou de modo implícito, com a negação de estratégias pedagógicas adequadas as características singulares do estudante (Souza, 2022; Ladeira, 2021; Brito, Arruda & Contreras, 2015; Souza, 2014), aprende-se a excluir aquele que é diferente ou corrigi-lo por meio da violência, nas suas mais diferentes formas de manifestação.

MÉTODO

Para atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa com estudo de caso qualitativo; que consiste em estudar uma unidade em profundidade, considerando o contexto em que a unidade está inserida e suas múltiplas determinações (André, 2013; Freitas & Jabbour, 2011)

Por se tratar de uma pesquisa que envolve crianças, optou-se pela utilização da técnica de entrevista, por permitir uma interação social e a construção de uma relação humana. A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, possibilita atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo, favorecendo o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante (Fraser & Godin, 2004). Sendo assim, julga-se necessário manter uma relação mais próxima com os entrevistados, dando-lhes a oportunidade de falar o que desejam, mantendo um diálogo mútuo com o entrevistador e uma relação mais afetuosa, por se tratar de uma pesquisa realizada com crianças e em consonância com os preceitos da pesquisa qualitativa.

Participantes

Participaram dessa pesquisa 04 crianças, 2 meninos e 2 meninas, que estudavam em uma escola pública de Diamantina-MG, matriculadas no 3º e 4º ano do ensino fundamental.

As crianças foram escolhidas por terem participado de em um projeto de extensão intitulado “Jogos e brincadeiras para o desenvolvimento da atenção voluntária em crianças com queixas de TDAH na cidade de Diamantina-MG”, no qual uma das autoras dessa pesquisa participou como monitora e a orientadora da presente pesquisa como vice-coordenadora. Durante o desenvolvimento do projeto, observou-se que 14 crianças

apresentavam comportamentos violentos em situações específicas, como quando eram contrariadas, ou quando algo não saía da forma desejada. Nas intervenções realizadas no projeto para minimizar tais comportamentos, observou-se que havia pouco repertório das crianças para agir de forma diferente.

Diante desta constatação, após o término do projeto, realizou-se esta pesquisa para compreender como as crianças compreendiam o que era violência. A hipótese da pesquisa é que as crianças compreendiam que suas ações diante de situações de frustração ou como punição a outra pessoa por esta ter feito algo considerado errado não podiam ser consideradas violentas, mesmo quando havia o uso da força.

Os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa foram:

- Ter participado do projeto de extensão acima mencionado.
- Aceitar participar da pesquisa.
- Ter disponibilidade em participar da pesquisa em dias e horários previamente agendados.
- Estar matriculado no 3º ou 4º ano e frequente na escola, no período de realização da pesquisa.

Atenderam aos critérios acima mencionados quatro crianças, dois meninos e duas meninas. Gardênia, Gérbera e Lírio eram da mesma turma/sala, somente Áster (nomes fictícios) era de turma/sala diferente, todos matriculados no 4º ano.

12

Procedimentos metodológicos

Foi feita uma visita à escola com o intuito de apresentar a pesquisa, definir dias e horários em que aconteceriam os encontros, além de evidenciar quais os critérios para a escolha dos participantes que comporiam a pesquisa. Foi solicitada uma reunião com os pais ou responsáveis pelas crianças que participariam do projeto, para explicitar verbalmente o objetivo e os procedimentos da pesquisa, destacando o aspecto voluntário na participação e os cuidados éticos quanto à segurança, identificação e sigilo das crianças. As crianças também foram consultadas se gostariam de participar, todas aceitaram. Aos pais ou responsáveis que permitiram a participação dos seus filhos, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que eles assinassem, após a aprovação do comitê de ética em pesquisa, número do parecer 3.334.967.

O procedimento adotado foi à entrevista, realizada em dois encontros, sendo o primeiro coletivo (com todos os participantes) e o segundo individual, com aproximadamente 1 hora cada encontro. No primeiro encontro, foi desenvolvida uma dinâmica com base no livro *Mundo Cruel* de Duthie e Martagón (2017). O livro é composto por 14 cartões com imagens que ilustram acontecimentos cruéis e perguntas sobre eles, o que possibilita uma reflexão por parte do leitor. Desses 14 cartões, foram selecionados 02 que trazem imagens e perguntas que se aproximam melhor do objetivo dessa pesquisa, identificar e analisar a concepção de violência em crianças do ensino fundamental I. As

imagens selecionadas possibilitaram uma articulação com os quatro fatores propostos por Martín-Baró para compreender o fenômeno da violência (estrutura formal do ato, equação pessoal, contexto possibilitador e fundo ideológico); essa articulação pode ser observada também através das perguntas propostas quando estas foram apresentadas. Como as crianças já se conheciam, tanto por serem da mesma turma na escola como pela convivência no projeto de extensão, o encontro coletivo pode propiciar a discussão entre eles.

Roteiro do primeiro encontro



Figura 1. Na escola. Fonte: Duthie e Martagón (2017)

Perguntas sobre essa imagem:

- O que está acontecendo?
- Como você se sente ao ver essa cena?
- O que você acha que aconteceu antes dessa cena? Faz diferença o que tenha acontecido?
- Quem é mais cruel (ou outro adjetivo utilizado pela criança): a menina que puxa o cabelo ou a que rouba uma bala? Por quê?
- As crianças que estão só olhando também são cruéis (ou outro adjetivo utilizado pela criança)?
- O que você faria se visse algo semelhante no pátio de sua escola?
- Você já esteve no lugar de alguma das crianças dessa cena?



Figura 2. O bebê. Fonte: Duthie e Martagón (2017)

As perguntas sobre a segunda imagem foram:

- O que está acontecendo? As crianças estão brincando?
- As crianças estão sendo cruéis com o bebê? Por quê?
- Alguém já fez com que ficasse bravo? Como se sentiu?
- Você já irritou alguém desse jeito?
- Será que às vezes ser cruel pode ser divertido?
- Em que momento alguma coisa deixa de ser brincadeira e se transforma em crueldade?
- O que o bebê poderia fazer para “dar o troco” às crianças?

14

As perguntas foram elaboradas para nortear a entrevista, não foi necessária a resposta sistematizada de todas elas.

O segundo encontro foi desenvolvido com base no que foi observado no primeiro, sendo esse momento individual. Além das discussões, também foi questionado, na entrevista com a criança, sobre sua constituição familiar (com quem reside, com quem fica quando não está na escola), o que faz quando não está na escola, as brincadeiras e os jogos preferidos, com quem brinca, como resolve os conflitos, se sabe o que é violência e o que pensa dela.

Os resultados foram analisados depois da transcrição das falas gravadas nas filmagens, a partir da fundamentação teórica do presente estudo. Logo, as categorias de análise foram elaboradas *a posteriori*. As imagens gravadas foram destruídas após a finalização da análise.

RESULTADOS

A apresentação e discussão dos resultados foram organizadas nas seguintes categorias de análise: O que é violência? Por quais motivos ocorrem atos de violência?

1ª Categoria: O que é violência?

Nessa categoria buscou-se compreender o que as crianças entendem por violência. Os relatos transcritos abaixo revelam tal concepção apresentadas nos momentos das entrevistas coletiva e individual.

Gérbera: “É quando coloca um apelido ali, um apelido ali, aí depois vai batendo. Tipo assim oh, eu coloco um apelido em “Gardênia”, aí ela é brava né, aí ela vem e bate ne mim. Tipo assim é violência”.

Gardênia interpreta a fala de Gérbera da seguinte forma:

Gardênia: “Ela dá a entender que é quando ela bate em alguém e essa pessoa bate nela”.

E complementa afirmando que:

Gardênia: “É quando ocorre uma provocação e a partir dessa provocação e a pessoa reage de forma violenta”.

As respostas apresentadas por Gérbera e Gardênia pode se relacionar em um primeiro momento ao fenômeno *bullying*, mais precisamente ao *bullying* direto, começando com insultos (apelido e provocação) de modo repetitivo, por parte do agressor e tendo uma reação violenta por parte da vítima.

Lírio, na entrevista individual, também apresenta a mesma concepção das meninas:

Lírio: “Quando a pessoa briga com a outra, por exemplo, outra tá falando da mãe, do pai, da família, aí a pessoa estressa e briga”.

A concepção de violência das meninas e de Lírio se refere ao que denominamos por violência física como uma reação a outra forma de violência, a verbal, como foi bem sintetizado na fala de Gardênia logo acima, apesar das crianças não demonstrarem que compreendem insultos como violência. A mesma concepção foi apresentada pelas crianças na entrevista individual, mas entre os meninos, Áster foi o que mais verbalizou sobre a violência física, dando ênfase em ações como esmurrar o outro e deixar hematomas e sintetiza sua concepção como:

Áster: “Violência é dar um murro na cara do outro, brigar”.

Lírio, na entrevista coletiva apresentou a mesma concepção de Áster, mas na individual, acrescenta que a violência física é motivada por “xingar” pessoas queridas. É possível que as diferenças sociais entre gênero tenham determinado a resposta de Lírio, especialmente por Áster ter dado ênfase à violência física durante a entrevista coletiva em que meninos e meninas estavam presentes. Socialmente é aceito que meninos explicitem e até mesmo ajam perpetrando a violência física se comparado com as meninas.

Na entrevista individual, Áster apresenta uma situação em que o dano da violência é maior ao ser questionado sobre sua concepção em relação a esse fenômeno:

Áster: “Violência é tipo assim quando alguém tá querendo matar uma pessoa e quando tá querendo matar a outra”.

Diante das respostas das crianças sobre o que elas entendiam por violência, é perceptível que são pontuadas situações as quais elas, de alguma maneira, presenciaram, sejam observando o outro (alguém próximo ou visto em meios de comunicação) ou elas mesmas sendo perpetradoras de violência.

As análises que envolvem o fenômeno violência perpassam também pelo perfil das pessoas que estão ligadas a esse fenômeno, sendo elas vítima, agressor ou expectador. As respostas dadas pelas crianças, diante das imagens apresentadas a elas, nos possibilitaram identificar esses personagens envolvidos com o fenômeno.

Na primeira imagem (Figura 1) questionamos quem elas seriam naquela situação, as respostas variaram entre as meninas e os meninos.

Lírio: “Eu seria esse que tá no cantinho olhando a briga”.

Gardênia: “Eu seria essa aqui (a que está apanhando)”.

Gérbera: “Eu também, porque mesmo se eu “taria” apanhando eu não ia reagir, mais ia chamar um adulto para resolver”.

Áster: “Eu seria essa menina aqui ó (a que tá lá atrás brincando). Não, eu sou o que tá olhando também”.

Observa-se que as crianças se colocaram diante da situação de violência a partir dos papéis esperados ao gênero; as meninas no lugar da vítima, e destacam que não iriam reagir e sim buscar a ajuda de um adulto, já os meninos se colocaram no lugar do expectador, sem mencionar se ajudariam ou fariam algo para evitar aquela situação. As respostas também evidenciam o papel de cada personagem envolvido em situações de violência: a vítima que em um primeiro momento não reage e em algumas situações busca ajuda e os expectadores que na maioria das vezes, por temerem se tornarem as próximas vítimas, se omitem perante a situação.

Na segunda imagem (Figura 2), questionou-se se o que estava acontecendo era uma brincadeira e todos responderam que não. Foi perguntado se eles achavam que o que viam na figura era algo violento, todos responderam que sim, tanto pela impossibilidade do bebê em pegar o doce como pelo risco dele se machucar, se tentasse alcançar o que estava sendo afastado dele.

Áster: “É muito mal, porque se ele subir aqui ó, se ele subir na janela cai lá embaixo, a cabeça dele estoura”.

Gardênia: “Tá abusando da criança porque ela é bem pequena, é um neném que fica no berço, e ele ainda engatinha, por isso que eles estão abusando dele”.

Gérbera acrescenta, em sua fala, exemplos de situações que ocorrem em sua casa, com a irmã e a prima, em que a madrasta bate na irmã e ela não pode fazer nada.

As respostas acima nos permitem observar e descrever as características das vítimas e dos agressores perante situações de violência, tal como a literatura evidencia (Silva, 2009): a vítima muitas vezes é alguém fisicamente e socialmente frágil, que diante de situações de violência não reagiria, sendo uma “presa fácil”; e o agressor em sua maioria é alguém que se coloca como mais forte e mais esperto e que diante disso julga-se no direito de “atacar” alguém.

As respostas apresentadas pelas crianças nessa primeira categoria podem ser descritas através do 1º elemento proposto por Martín-Baró (2003) para analisar a violência, que se refere à estrutura formal do ato violento que se confira como instrumental, pois o indivíduo age de maneira violenta com a finalidade de atingir outro objetivo. Na primeira figura, sugere que os agressores puxam o cabelo da vítima para pegar o doce; na segunda figura, aparece que o motivo de afastar o brinquedo da criança que está no berço é por diversão, ao vê-la tentar pegá-lo, mesmo com poucas possibilidades para isso. Sobre a equação pessoal, as crianças participantes da pesquisa se sensibilizaram mais com a vítima da figura 2, que é vista como alguém menor, mais frágil e sem possibilidades de se defender, entendendo que a ação não é uma brincadeira, tanto por ocasionar sofrimento como pelo risco de cair do berço. Tal sensibilização pode ser explicada por geralmente haver uma maior comoção emocional em relação a situações de violência quando a vítima é considerada mais frágil e vulnerável, diminuindo as possibilidades de defesa ou pedido de ajuda, como crianças (no caso das participantes da pesquisa, uma criança menor que elas) e idosos. Se há um fundo ideológico que justifica a violência em determinadas situações, como responder de forma violenta a outra ação do mesmo tipo, há também aquele em que perpetrar a violência contra alguma pessoa com poucas chances de defesa, como crianças e idosos, não é “legitimado”. Mas, a violência se expressa em contextos que as relações de força são desiguais, e há aqueles que se sentem mais fortes e poderosos que vão contra os que são considerados mais vulneráveis. As duas figuras evidenciam tais contextos, podendo possibilitar a ação violenta.

Nas falas das crianças entende-se que a violência física é a resposta para os atos de violência verbal (apelidos indesejados, ofensas a pessoas queridas, entre outros), apesar das narrativas não evidenciarem que elas entendem que tais ações sejam também violentas. Ou ainda como forma de divertimento, como as falas demonstradas na figura 2 indicam. Importante destacar que esse tipo de estrutura do ato violento, o instrumental, é o que predomina em nossa sociedade, especialmente como forma de punição e correção de comportamentos considerados inadequados e até mesmo violentos, inclusive na escola, seja perpetrada por estudantes, como também pelos gestores e professores, com a finalidade de melhorar o processo pedagógico.

2ª Categoria: Por quais motivos ocorrem atos de violência?

Nessa categoria, buscaram-se compreender quais são os motivos que podem levar as pessoas a agirem de maneira violenta. Analisou-se os resultados embasados no contexto possibilitador proposto por Martín-Baró (2003) para a análise do fenômeno violência. Esta categoria está pautada na aceitação da sociedade na execução do ato violento, que o autor denominou de fundo ideológico (outra categoria de análise do autor), assegurado por normas formais ou informais de uma dada sociedade. Apesar das categorias teóricas terem sido identificadas nas duas figuras, ao analisar o conceito de violência, elas também apareceram em relação aos motivos que as geram.

Gérbera: “Tipo assim, a gente, tem pessoas que é, fica pondo apelido no outro, aí o outro vai pegando pedra, esses trem e batendo no outro, na rua”.

Gérbera pontua uma briga que ocorreu na sala de aula com dois colegas (sendo um deles Lírio), e destacou que a briga só ocorreu porque um colega ficou insultando a mãe do outro. Lírio afirma que somente começou a brigar com o colega de sala porque o mesmo estava falando sobre sua mãe, e ele (Lírio) ficou “estressado”, o que foi corroborado por Gérbera.

Os motivos aos quais levam uma pessoa a agir de maneira violenta destacada pelas crianças estão diretamente ligados a um agente motivador, ou seja, a pessoa age de maneira violenta em resposta a algo que a desagradou, sendo um instrumento para justificar o acometimento de tal ato (violência instrumental). No espaço escolar, as crianças encontravam possibilidades de usarem a violência como forma de responder a outra, seja pela dificuldade da professora e gestores em conte-la como pelo precário repertório das crianças em saber como lidar com situações como essa e prescindindo do ato violento. Entende-se que essas duas situações possibilitaram as duas formas de violência: a promovida pelo agente motivador e a instrumental pela criança que sofreu a violência verbal.

Situações que levaram pessoas a agirem de maneira violenta fora do cotidiano das crianças também foram destacadas, como por exemplo, casos vistos em jornais.

Gérbera: “Um exemplo tia, tinha dois meninos, eles eram da mesma sala, um “tava” mexendo com o outro, aí já tinha resolvido na escola; aí o menino que o outro “tava” mexendo, o que ficou sofrendo né tia, ele foi lá e contou pro pai dele, aí o pai dele foi lá e pegou uma arma, o revólver e matou o outro pai, por causa disso, de apelido”.

Gardênia: “Um dia na reportagem, um homem tinha matado um menino, porque ele tinha batido no filho dele, aí ele foi lá e matou”.

Ainda sobre o que pode levar uma pessoa agir de forma violenta, foi questionado com as crianças as possíveis razões dos comportamentos violentos apresentados na figura 1.

Gardênia: “Deve que ela, ela deu doce pra ele, aí não deu doce pra eles né, aí começou brigar”.

Lírio: “Ela não quis dar eles bala”.

Gérbera: “Pode ser que eles não pediu tia, e ela “tava” dando para os que pediu e eles não pediram”.

Com base na interpretação das crianças, conseguiu-se identificar que elas relacionaram com situações que provavelmente vivenciam na escola e apresentaram certa contradição ao avaliar como errado o fato de bater no outro motivado por uma violência anterior, pois, quando são elas as vítimas da ação violenta, podem agir de maneira a ocasionar dano a quem primeiro perpetrar a violência, em resposta a tal ato. Isso foi observado na fala de Áster.

Áster: “Eu já chegaria dando um chute nessa menina, chegava dando um chute nessa menina, nessa aqui, nessa, nessa”.

Ao serem levadas a se colocarem no lugar de quem está sofrendo o ato de violência nas imagens, às meninas apresentam respostas diferentes em comparação aos meninos.

Gardênia: “Eu ia dormir chorando”.

Gérbera: “Eu também, e quando isso acabasse eu não ia bater nele, eu não ia reagir bater neles, mas eu ia chamar um adulto para poder resolver isso”.

Áster: “Eu não ia dormir chorando não, se fosse eu ia matando esse aqui, esse aqui, esse aqui, eu ia matar esse aqui ô, esse aqui”.

Lírio: “Eu chamaria a polícia”.

Essas respostas ainda se relacionam ao contexto possibilitador da violência e ao fundo ideológico relacionado a ela, pois há situações em que a violência pode ser justificada como ser vítima dela. Além disso, as expressões de gênero também são novamente observadas, pois os meninos, especialmente um deles, demonstram uma reação mais violenta em comparação às meninas. É importante ressaltar que na visão de um dos meninos, a violência é problema de polícia e não da sociedade em geral, inclusive da escola onde a cena que foi mostrada poderia ter acontecido e os professores e gestores poderiam resolver a situação.

As respostas apresentadas pelas crianças indicam que as ações violentas contam com uma aceitação da sociedade, visto que tal ato foi uma resposta a uma ação igualmente violenta cometida previamente. Diante disso, o indivíduo apoia-se em um contexto que possibilita a realização da ação, além de utilizar justificativas que contribuem e legitimam a violência. Tendo em vista a forma como a pesquisa foi conduzida, não foi possível extrair aspectos para compreender a equação pessoal de quem perpetrar a violência, outro elemento importante para apreendê-la na totalidade, na perspectiva de Martín-Baró (2003).

Em síntese, diante da situação em que o ato de violência foi produzido, a pessoa se defende de uma ação violenta cometendo outra (violência instrumental), essa ação é “justificável”, pois houve um contexto (possibilitador) motivador a ela e que permite de alguma forma que ela ocorra, e ideologicamente, tais contextos legitimam a violência ou as pessoas que não podem ser vítimas dela, como foi discutido na categoria anterior. Apesar das crianças não compreenderem a violência em sua totalidade, e ficarem restritas as

violências físicas, as situações descritas por elas e os exemplos apresentados evidenciam as justificativas em analisar a violência em seus contextos sociais e culturais.

Importante destacar que no atual momento histórico, além da banalização e a intensificação da violência como meio de controle social, a partir de políticas de armamento, coerção ameaçadora para aqueles que não concordam com preceitos ideológicos do estado (intervenção militar, censura, etc) ou pessoais, tendem a ampliar os contextos possibilitadores para o uso da força contra alguém, fundamentados em valores morais que o legitima. Tanto o contexto possibilitador quanto o fundo ideológico são veiculados nas diferentes mídias que as crianças têm acesso, nas discussões na escola e em casa, o que faz com que elas se apropriem desses aspectos e construam os significados da violência em que o dano decorrente dela tem que ser evidente (hematomas, morte), desconsiderando formas talvez mais sutis visualmente, mas tão ou mais violentas que a física.

Com as respostas e análises apresentadas e em consonância com a proposta da psicologia da libertação, é necessário pensar em intervenções nos diferentes espaços sociais, inclusive na escola. É fato que não é de responsabilidade de uma única esfera social a superação da violência; se esta é uma construção histórica e faz parte da estrutura social, marcada pela desigualdade e luta de classes, é com a superação destas condições que a violência poderá ser suprimida. Por outro lado, é necessário desenvolver meios para que condições para esta superação ocorra.

No espaço escolar, destaca-se a importância de trabalhos como de Freitas, Borges & Carvalho (2019), com crianças do ensino fundamental I, utilizando rodas de conversa para promover condições para a reflexão sobre o cotidiano, por meio de concepção de violência como fenômeno social e histórico, e, ao mesmo tempo propiciando o ensino de outras formas de lidar com o mundo prescindindo da violência. Identificar o que é a violência, as situações de vulnerabilidade, as relações de poder a ela vinculadas, podem promover não apenas a aprendizagem desses conceitos, mas a ampliação da consciência dos indivíduos, de tal modo que possa minimizar as chances de serem vítimas ou perpetradores de violência. Os trabalhos de Silva (2006) e Silva, Pazzeto e Golshan (2016) evidenciam a necessidade destas relações.

20

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber o que é a violência e como ela se constitui é importante para que possa ser combatida. É fato que a violência é normalizada e normatizada em diferentes espaços sociais, especificamente quando ela é instrumental. A política de armamento da população civil no Brasil usa esse argumento: violência como meio de defesa contra uma ação primária de violência. Ao mesmo tempo, ela também vem sendo banalizada, perceptível por meio da violação de direitos como de acesso e permanência à educação, bem como discussões dentro do espaço escolar que fomentem a reflexão crítica e o desenvolvimento da ética que

de fato prime pelo bem comum. Com esse contexto, é cada vez mais necessário à adoção de estratégias que minimizem os impactos da violência em geral, inclusive nas escolas, apesar da necessária clareza que esta só será superada quando a sociedade estruturalmente alicerçada nela também o for.

Diante disso, os resultados da pesquisa apresentada revelam que apesar das crianças não compreenderem a violência em sua totalidade, e ficarem restritas a sua expressão física, às situações descritas por elas e os exemplos apresentados deixam claros as justificativas em analisa-la em seus contextos sociais e culturais. As crianças falaram aquilo que é visto por elas nos mais diferentes espaços, sendo também vítimas desse sistema desigual, pois entre tantas possibilidades, não aprenderam estratégias para lidar com as frustrações ou com a própria violência prescindindo da mesma. Sequer é apresentado para elas o quanto são vítimas de violência quando o sistema escolar não oferece a elas conhecimento científico, filosófico e artístico que ampliem suas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem e quando são submetidas a condições de ensino que desconsideram suas características individuais, necessidades pedagógicas específicas e a existência de uma infraestrutura escolar precária.

Sendo assim, a escola, juntamente com a família e comunidade em geral, devem formar uma gestão participativa, proporcionando momentos de discussões acerca desse fenômeno, promover debates que tenham como protagonistas os alunos, contando com o auxílio principalmente dos professores que convivem diariamente com eles, problematizando o fenômeno em sua estrutura mais complexa. A violência existe e se evidencia no dia-dia de crianças e adolescentes, que têm contato com diversos meios de reproduzi-la; entende-se que analisar a concepção de crianças em relação a esse fenômeno pode auxiliar na elaboração de estratégias para lidar e minimizar a violência.

As proposições teóricas da psicologia da libertação de Martín-Baró possibilitam uma compreensão bastante incisiva da violência, considerando-a não apenas como uma expressão individual, mas uma construção histórica e coletiva, que tem sua dimensão psicossocial, evidenciada no perpetrador da violência, na vítima e nos expectadores dela. A escola, por mais que a reproduza, também pode promover situações de ruptura, criando condições para o processo de humanização por meio de ações humanizadoras, prescindido daquelas desumanizadoras, permeadas pela violência.

REFERÊNCIAS

André, M. (2013). O que é um estudo de caso qualitativo em educação. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 95-98. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v22.n40>

Arreguy, M. E. (2010). A leitura das emoções e o comportamento violento mapeado no cérebro. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online], 20(4), 1267-1292. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312010000400011>

Botelho, R. G. & Souza, J. M. C. (2007). Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Rev. de educação Física*, (139), 58-70. <https://doi.org/10.37310/ref.v76i139.506>.

Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE)*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=resultados>

Brito, M. H. P., Arruda, N. A. O., & Contreras, H.S.H. (2015). Escola, pobreza e aprendizagem: reflexões sobre a educabilidade. *Anais do XII Congresso Nacional de Educação - Educere*, Curitiba.

Carvalho, M. E. G., Morais, G. M. & Carvalho, B. K. G. (2019). Dos castigos escolares à construção de sujeitos de direito: contribuições de políticas de direitos humanos para uma cultura da paz nas instituições educativas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação* [online], 27(102), 24-46. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002601366>

Charlot, B. A. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, (8), 432-443, <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>

Costa, M. L. S. & Barroco, S. M. S. (2021). Violência e a práxis da psicologia: contribuições de Ignacio Martín-Baró. *Germinal: marxismo e educação em debate*, 13(3), 66-86. <https://doi.org/10.9771/gmed.v13i3.47181>.

Cruz, F. M. L., & Maciel, M. A. (2018). ‘Excluir’, ‘Xingar’, ‘Bater’: sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. *Psicol. Esc. Educ.*, 22(2), 291-300. <https://doi.org/10.1590/2175-35392018025719>

Duthie, E. & Martagón, D. (2017). *Mundo Cruel*. Boitatá.

Flôres, F. N., Visentini, D. M., Faraj, S. P., & Siqueira, A. C. (2022). Cyberbullying no contexto escolar: a percepção dos professores. *Psicologia Escolar e Educacional* [online], 26. <https://doi.org/10.1590/2175-35392022226330>

Fraser, M. T. D. & Gondin, S. (2018). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na Pesquisa Documental. *Paidéia*, 14(28), 139-152. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>

Freitas, M. O., Borges, L. P. C., & Carvalho, J. T. (2019). Os sentidos de bullying nas vozes das crianças do ensino fundamental: aprendendo e crescendo com os conflitos na escola. *e-Mosaicos*, 8(18), 176-188. <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2019.42284>

Giordani, J. P.; Seffner, F. & Dell’Aglío, D. D. (2017). Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111092>

Ladeira, T. A. (2021). Fracasso escolar e desigualdade social: Uma perspectiva crítica e emancipatória. *Revista Educação Pública*, 21(5). <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/5/fracasso-escolar-e-desigualdade-social-uma-perspectiva-critica-e-emancipatoria>

Leonardo, N. S. T. & Suzuki, M. A. (2016). Medicalização dos problemas de comportamento na escola: perspectivas de professores. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), 46-54. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1161>

23

Maldonado, D. P. A. & Williams, L. C. A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 353-362. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300003>

Malta, D. C., Oliveira, W. A. de., Prates, E. J. S., Mello, F. C. M. de., Moutinho, C. dos S., & Silva, M. A. I. (2022). Bullying entre adolescentes brasileiros: evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online], 30(spe), e3679. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3679>

Martín-Baró, I. (2003). *Poder, ideologia y violencia*. Trota.

Martins, E. F. (2006). *Formação de Professores e Violência nas Escolas*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/16599>

Martins, L. M. (2016). Desenvolvimento do pensamento e educação escolar: etapas de formação de conceitos à luz de Leontiev e Vigotski. *Fórum Linguístico*, 13(4), 1572-1586. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2016v13n4p1572>

Nogueira, R. M. S. P. A. (2005). Violência na/da escola: em busca de definições. *Rev. Psicopedagogia*, 22(67), 67-79. <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/437/violencia-na-da-escola--em-busca-de-definicoes>.

Reisen, A., Leite, F. M. C., & Santos Neto, E. T. (2021). Associação entre capital social e bullying em adolescentes de 15 a 19 anos: relações entre o ambiente escolar e social. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], 26(supl. 3), 4919-4932. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.21522019>

Romeiro, J. S., Corrêa, M. M., Pazó, R., Leite, F. M. C., & Cade, N. V. (2021). Violência física e fatores associados em participantes da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Ciência & Saúde Coletiva* [online], 26(2), 611-624. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.04552020>

Schneider, J. K. (2016). Violência na escola a partir da perspectiva docente. *Rev. Event. Pedagóg.*, 7(2), 822-842. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n2p573>

Silva, J. M. A. P., & Salles, L. M. F. (2010). A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, (spe. 2), 217-232. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000500013>

Silva, N. R. (2006). *Relações sociais para superação da violência no cotidiano escolar e processos formativos de professores*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16246>

Silva, N. R. (2009, 30 de outubro a 02 de novembro). Violência nas escolas: o conceito de violência e o processo grupal como método de intervenção e pesquisa. *Anais do XV Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social*, Maceió. http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/78.%20viol%Cancia%20nas%20escolas.pdf

Silva, N. R.; Pazetto, L. C. & Golshan, N. (2016, 7 a 9 de setembro). Violência contra crianças, adolescentes e mulheres: ações para erradicar a violação dos direitos humanos. *Anais do 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária na UFOP*, Ouro Preto. https://cbeu.ufop.br/anais_files/cf9de75ee0c254c030499b6a9baeaf61.pdf

Souza, V. L. T. (2022). Contribuições da Psicologia à educação escolar: perpetuação ou transformação das desigualdades sociais? *Estud. psicol.*, 39, e200178. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200178>

Morais, K. C., Ferreira, N. G., & F. G. da. (2022). Concepção de violência para crianças do Ensino Fundamental I: análise a partir de Martín-Baró. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 1, e022005.

Souza, B. P. (2014). Puxando o tapete da medicalização do ensino: uma outra educação é possível. *Nuances*, 25(1), 299-316. <https://doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2733>

Vázquez, A. S. (1990). *Filosofia da Práxis* (4a ed.). Paz e Terra.

Veloso, V. R., Costa, F. B. de S., Marques, C. C. de A., Andrade, J. X., Miranda, C. E. S., & Araújo, R. S. dos R. M. (2020). Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional. *Revista Brasileira de Epidemiologia* [online], 23, e20097. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200097>

Vigotski, L. S. (2018). *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. (Zoia Prestes e Elizabeth Tunes, trads.). e-papers.

Xavier Filha, C. (2015). Violência e direitos humanos em pesquisa com crianças. *Rev. Educação e Pesquisa*, 41, 1569-1583. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022015082229>.

Wesley, R. S. F. & Charbel, J. C. J. (2011). Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo e Debate*, 18(2), 07-22. <http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560>

25

Recebido em: 17/10/2022

Reapresentado em: 16/01/2023

Aprovado em: 30/01/2023

^I Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (2020). Atuou como Discente Extensionista na ação Extensão BRINQUEDOTECA (2016-2017). Atuou como integrante do projeto de pesquisa Concepção de Violência para Crianças (2019). Graduada em Direito (Bacharelado) pela Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: k_irinha@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8244-7751>

^{II} Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (2020). Atuou como Discente Extensionista na ação Extensão BRINQUEDOTECA (2016-2017). Atuou como integrante do projeto de pesquisa Concepção de Violência para Crianças (2019). E-mail: nubiaferreira16@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0767-4254>

^{III} Professora Associada III da UFVJM no departamento de Educação Física. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru). Mestre e Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pós-doutorado no Programa de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da UNESP/Botucatu. E-mail: flaviagonsalves@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9222-2406>